



ALÉM DA PELE: CORPORALIDADES RADICAIS COMO ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO

BEYOND THE SKIN: RADICAL CORPORALITIES AS SPACES FOR THE PRODUCTION OF MEANING

Paula Garcia Gonçalves Ferreira-
Programa de Doutorado em Comunicação e Semiótica
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa de Paula Garcia, explora a presença do corpo na performance artística e nas práticas curatoriais desta pesquisadora, estabelecendo relações interdisciplinares no campo da arte. Analisa como estas relações formam um campo de forças influente tanto na produção artística quanto na crítica e teoria. Utilizando o conceito de tempo espiralar de Leda Maria Martins, que vê tempos coexistentes, o artigo rompe com a linearidade histórica e considera passado, presente e futuro como simultâneos. Reflete também sobre o corpo político e a experiência do público em arte efêmera e participativa, cruzando estes conceitos para discutir a presença corpórea na arte contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Corporalidades radicais. Performance. Arte Contemporânea. Corpo. Produção de sentido.

ABSTRACT

This article is an excerpt from Paula Garcia's research, exploring the presence of the body in this researcher's artistic performance and curatorial practices, establishing interdisciplinary relationships in the field of art. It analyzes how these relationships form an influential field of forces both in artistic production and in criticism and theory. Using Leda Maria Martins' concept of spiral time, which sees coexisting times, the article breaks with historical linearity and considers past, present and future as simultaneous. It also reflects on the political body and the public's experience in ephemeral and participatory art, crossing these concepts to discuss the corporeal presence in contemporary art.

KEYWORDS

Radical corporeality. Performance. Contemporary art. Body. Production of meaning.



Partindo do pensamento de Leda Maria Martins e de produções selecionadas de artes efêmeras no campo das artes visuais, pretendo explorar as “inter-relações entre corpo, tempo, performance, memória e produção de saberes, principalmente os que instituem por vias da corporeidade” (MARTINS, 2021, p. 22). Desse modo, investigar de que forma esses conceitos estão imbricados e, também, expressos de uma forma não linear e discursiva, colocando luz na corporeidade, na qual não há divisão entre o visível e o invisível. Esses dois últimos conceitos estão presentes em minhas pesquisas teórica e prática como artista e curadora.

Assim, abordar o pensamento de Martins como uma forma de estudar os saberes a partir de sua perspectiva de reversibilidade do tempo e da produção de obras efêmeras. Para Martins, a cultura imagética é composta por um conjunto de elementos que vão além das imagens propriamente ditas, incluindo também os gestos, as formas de comunicação, os espaços e as relações sociais. Ela argumenta que a cultura visual é uma forma de construir o mundo, em que o visível e o invisível se entrelaçam e se complementam; eles não se resumem apenas à dimensão física das imagens, mas também envolvem as formas de representação e de apresentação presentes, por exemplo, no campo das artes visuais.

A crítica ao nacionalismo e imperialismo em democracias liberais.

Para Mbembe, nacionalismo e imperialismo constituem o cerne da democracia liberal fundada sobre o colonialismo e a escravidão. Assim, Mbembe nos coloca um mundo em decadência onde conceitos como humanismo e democracia não suportam mais a ocultação da sua essência violenta e que se revela na contemporaneidade como seu limite, sobretudo pela forma como ocorreu a reação à descolonização pela qual sobreveio todo o poder do arsenal colonial guardado sob os ideais democráticos e todos os tipos de guerras convocadas a contra-revolução.

Para o autor, não apenas o fato da descolonização ter sido violenta, mas a necessidade de ter sido violenta desmente a dissimulação de que a democracia ideal corresponderia a um mundo igualitário e sem guerras. Assim, a violência



colonial nascida, considerada uma espécie de dolorosa saída civilizacional do humanismo ocidental, foi condição indispensável da existência das nações democráticas e seria retomada como outra saída para a descolonização e seus efeitos na reconfiguração do mundo e de suas fronteiras deflagrados no final do século XX, e dessa forma, enfatizando o caráter limitado da democracia e do humanismo das nações colonizadoras e imperialistas. Mbembe demonstra nesse processo que a democracia usa a violência como saída contra o que alega e justifica ser uma ameaça, porém, na verdade, apresenta uma violência contra aquilo que seriam seus propósitos humanistas e garantias de sua própria existência e corrompe-se a si própria.

Interseccionalidade e a compreensão ampliada da opressão

Angela Davis, filósofa e ativista, propõe o conceito de interseccionalidade em seu livro *Mulheres, raça e classe*. Essa abordagem oferece uma lente crítica para compreender a complexidade das experiências de opressão e marginalização que muitas pessoas enfrentam em razão de sua identidade social. Davis argumenta que categorias sociais como gênero, raça, classe e orientação sexual não são separadas umas das outras, mas se interconectam e se interseccionam de maneiras complexas e dinâmicas. Por exemplo, uma mulher negra pode experimentar formas diferentes de opressão devido a seu fenótipo e gênero, que são inseparáveis e se interconectam.

A interseccionalidade, portanto, reconhece que a opressão não é uma experiência singular, mas que as pessoas experimentam múltiplas formas de opressão e privilégio devido a sua interseção de identidades sociais. Importante mencionar que Achille Mbembe em sua entrevista para FLUP, nos diz que uma maneira de conseguirmos acabar com o racismo e tudo que descende dele, seria aprendermos a nos organizar de outra, com o propósito de termos uma nova ideia daquilo que é comum a todos, uma ideia de comunidade. Nesse sentido, os pensamentos de Davis e Mbembe, dizem que essas políticas de globalização e inimizade, afetam,



nos dias atuais, não só pessoas pretas, mas também, imigrantes, LGBTQIA+, cidadãos de baixa renda, etc.

Portanto, para uma análise de questões sociais é importante abordar o conceito de interseccionalidade, porque ele desafia as abordagens simplistas e unidimensionais da opressão e reconhece a complexidade das experiências humanas. Permite trazer, também, uma compreensão mais ampla e inclusiva das lutas sociais e políticas, trabalhando em direção a um mundo mais justo e igualitário em todas as instâncias sociais.

Em *A consumação do divino*, Mbembe nos fala de como “as disposições paranóicas da nossa época se cristalizaram em torno de duas narrativas: a do(re)começo e a do fim, o Apocalipse.” (MBEMBE, 2020, p. 54). Aqui ele nos coloca duas perspectivas acerca da existência humana, onde na cultura Ocidental-Europeia “a dominação se exerce pela via da modulação dos liminares catastróficos....considera-se que existe, na herança grego-judaíca da filosofia que tanto marcou as humanidades europeias, um vínculo estrutural entre, de um lado, o futuro do mundo e o destino do Ser e, de outro, a catástrofe enquanto categoria simultaneamente política e teológica.” (MEMBE, 2020, p. 54).

Autor contrapõe essa visão binária da condição humana trazendo uma perspectiva nas tradições africanas antigas - “...o ponto de partida da interrogação sobre a existência humana não é uma questão do ser, mas a da relação, da implicação recíproca, isto é, da descoberta e do reconhecimento de uma carne além da minha. É a questão de saber como sempre me transporta a lugares distantes, simultaneamente diferentes do meu lugar e implicados nele. Nessa perspectiva, a identidade é uma questão não de substância, mas de plasticidade. É uma questão de co-composição, de abertura para o outro lugar de uma outra carne, de reciprocidade entre múltiplas carnes e seus múltiplos nomes e lugares”. (MBEMBE, 2020, p. 55).



Repovoamento e interseccionalidade na prática curatorial de Paula Garcia

A partir de atravessamentos das idéias de repovoamento, interseccionalidade, criação de novas organizações da vida, trago pesquisa de Paula Garcia, que é também sua prática artística, pois esta não separa uma da outra. Desse modo, a partir de trabalhos realizados nas últimas duas décadas, trago dois projetos que possam sintetizar tanto experiência artística, quanto a experiência curatorial. O projeto curatorial intitulado *No Intermission* realizado no Teatro Royal Carré em Amsterdã no final de 2022 em colaboração com Marina Abramovic Instituto, insere-se um conceito curatorial que entende a experiência como uma entidade, um ser, que reúne todos os aspectos dessas proposições - artista, espectador, tempo, espaço, luz, odor, técnicos, o entorno do espaço, a memória impressa do que já se materializou naquele espaço, o sistema de poder que comanda este espaço. E dessa forma, todas essas camadas formam, como nos traz a autora Leda Maria Martins, uma espiral de tempo onde a vida se apresenta através de uma obra artística. Todas essas peças que compõem a proposição importam, o que é visível e invisível se revela na troca entre os tempos de experiência com o tempo de quem pretende estar ali.

Nesse sentido, durante a performance, os espectadores são convidados a mergulhar em uma "espiral de tempo", conforme descrito pela autora Leda Maria Martins, onde diferentes camadas de tempo — o tempo da experiência artística e o tempo pessoal do espectador — se entrelaçam. Esta abordagem não só desafia a noção tradicional de uma peça de teatro com um começo, meio e fim definidos, mas também transforma o espaço do teatro em um ambiente onde a memória do espaço e as dinâmicas de poder presentes influenciam ativamente a experiência.



Imagem 1 e 2. Documento de performance no projeto curatorial No Intermission em Amsterdã, 2022.
Crédito: Dustin Lynn

A história é uma sequência de situações paradoxais de transformações sem ruptura, de transformações na continuidade, de assimilação recíproca de múltiplos segmentos do vivo. Daí a importância atribuída ao trabalho de estabelecimento de relações entre os opostos, de fagocitose e de agrupamento das singularidades. Essas tradições conferem apenas a uma importância mínima a ideia de um fim do mundo ou a ideia de uma outra humanidade. É perfeitamente possível, pois, que essa obsessão seja, no fim das contas, específica a metafísica ocidental. Para muitas culturas humanas, o mundo simplesmente não se acaba; a ideia de uma recapitulação dos tempos não corresponde a nada concreto. Isso não significa que tudo seja eterno, que tudo seja repetição ou que tudo seja cíclico. Isso quer dizer simplesmente que, por definição, o mundo é abertura e que o tempo só existe no e por meio do inesperado, do imprevisto. Assim, o evento é justamente aquilo que ninguém pode prever, medir ou calcular com exatidão. Desse modo, o que é "inerente ao ser humano" é se manter constantemente de prontidão, disposto a acolher o desconhecido e a abraçar o inesperado, pois a surpresa está na origem dos procedimentos de encantamento sem os quais o mundo nada tem de mundo. (MBEMBE, 2020, p. 56).



Assim, trazer o pensamento de Martins como uma forma de atravessar os saberes a partir de sua perspectiva de reversibilidade do tempo e da produção de obras efêmeras. Para Martins, a cultura imagética é composta por um conjunto de elementos que vão além das imagens propriamente ditas, incluindo também os gestos, as formas de comunicação, os espaços e as relações sociais. Ela argumenta que a cultura visual é uma forma de construir o mundo, em que o visível e o invisível se entrelaçam e se complementam. Assim, para Leda Maria Martins, a questão do visível e do invisível não se resume apenas à dimensão física das imagens, mas também envolve as formas de representação e de apresentação presentes, por exemplo, no campo das artes visuais.

Ela propõe que o visível e o invisível estão intrinsecamente relacionados, e que a percepção do mundo depende da capacidade de enxergar além do que é imediatamente visível. Dessa forma, Martins traz a questão do visível e do invisível como um elemento central para a compreensão da cultura visual e da educação, argumentando que a formação de um sujeito crítico e reflexivo depende da capacidade de enxergar além das aparências, de compreender as múltiplas camadas de significação presentes na cultura visual e de construir uma relação consciente e responsável com as imagens e com o mundo que o rodeia. Assim, aquilo que o corpo e a voz produzem são uma forma de conhecimento.

Aqui trago o trabalho de Paula Garcia intitulado #9 Corpo Ruído, em que a artista performou por cinco dias por cerca de trinta horas no South Bank Centre em Londres em 2023. Nesse trabalho Garcia continua explorando elementos dessa série que aprofundam interações entre o corpo e a tecnologia sonora. Nesta obra, Garcia utiliza dispositivos acoplados ao seu corpo que geram e modificam sons em resposta aos seus movimentos e ao ambiente circundante. A performance cria uma paisagem sonora viva que muda continuamente e reverbera no corpo do público, transformando cada gesto da artista e seus colaboradores em uma expressão



sonora única. Este arranjo proporciona uma experiência imersiva para o público, onde o som se torna uma extensão palpável do corpo da artista, destacando a fusão entre movimento humano e tecnologia.

Além disso, o ambiente de performance é intencionalmente minimalista, direcionando toda a atenção para o diálogo entre corpo e arquitetura sonora. Esta abordagem não apenas redefine a relação entre a artista e o público, mas também questiona a separação entre esta e o meio. Assim, o trabalho não só captura a atenção pela sua estética sonora, mas também provoca uma reflexão sobre a capacidade do corpo de comunicar e transformar espaços através da tecnologia.



Imagem 3. Documento de performance de Paula Garcia no Southbank Center em Londres, 2023.
Crédito: Martina O'shea

Arte, percepção e política: interseções entre Jacques Rancière e Paul B. Preciado na teoria da partilha do sensível.

O pensamento de Jacques Rancière é fundamental para entender a "política do sentido" através de sua teoria da partilha do sensível, que examina como as formas artísticas contribuem para definir o que é visível, dizível e pensável em determinado



contexto social. Seu trabalho destaca a capacidade da arte de reconfigurar as percepções e relações, criando novos espaços para a representação e a ação política. Importante, junto a essa proposição de Rancière, relacionar as questões de uma epistemologia “flexível” como nos coloca Paula Preciado em sua palestra Eu sou o mostro que vos fala:

Uma epistemologia é um fechamento do nosso sistema cognitivo que não apenas dá respostas as nossas questões, mas que define as próprias questões que podemos nos colocar em função de uma interpretação prévia dos dados sensoriais. Os paradigmas científicos são engajamentos compartilhados por uma comunidade social que, sem ter o caráter de axiomas infalíveis ou plenamente demonstrados, são largamente aceitos na medida em que servem para resolver todo tipo de problema. Os paradigmas são “universos de discursos” nos quais reina uma certa coerência, uma certa paz tecno-semiótica, um certo acordo. Mas não são mundos de significação imutável. Uma epistemologia se caracteriza justamente pela flexibilidade. (PRECIADO, 2022, p. 51).

Jacques Rancière e Paul B. Preciado oferecem perspectivas complementares sobre como as formas de conhecimento e expressão artística podem desafiar e remodelar as estruturas estabelecidas de percepção e cognição. Rancière, através de sua teoria da partilha do sensível, discute a capacidade da arte de reconfigurar o que é visível, dizível e pensável dentro de um determinado contexto social. Ele sugere que a arte pode perturbar as normas perceptivas e discursivas, criando espaços para novas formas de representação e ação política. Essa reconfiguração não apenas altera a experiência estética, mas também possui implicações profundas na distribuição do poder e nas dinâmicas de inclusão e exclusão social.

Por outro lado, Preciado, em sua exploração de uma epistemologia “flexível”, argumenta que nosso sistema cognitivo é estruturado por paradigmas que, embora não sejam infalíveis, definem as questões que consideramos pertinentes e as respostas que aceitamos como válidas. Esses paradigmas funcionam dentro de “universos de discursos” que mantêm uma certa coerência interna e facilitam um consenso ou uma “paz tecno-semiótica”. No entanto, Preciado também enfatiza a capacidade de mudança desses paradigmas, sugerindo que eles são suscetíveis a serem questionados e transformados.



Ao conectar essas ideias, vemos que tanto Rancière quanto Preciado valorizam a arte e o pensamento crítico como meios de desafiar e expandir os limites do que é considerado possível ou aceitável. A arte, neste contexto, torna-se um veículo poderoso para a contestação e renovação epistemológica, capaz de introduzir novas formas de pensar e de perceber que desestabilizam as normas vigentes. Isso ressoa especialmente com o argumento de Rancière sobre a arte como uma força disruptiva na partilha do sensível, pois realinha o que pode ser percebido e conhecido e, por extensão, o que pode ser imaginado e realizado politicamente. Assim, ambos os pensadores destacam a importância da flexibilidade e da mudança contínua nas epistemologias e nas práticas artísticas como fundamentais para a evolução cultural e política.

Nesse sentido, Garcia apresenta uma fusão de corpo e ruína que desencadeia uma série de questionamentos sobre a passagem do tempo e a natureza efêmera da existência. O trabalho de Garcia ressoa com a ideia de que a ruína não é simplesmente o final de um ciclo, mas um momento de transição que carrega em si o potencial para novos significados e novas formas de beleza. Assim como as ruínas românticas que inspiraram artistas e poetas ao longo dos séculos, as 'ruínas' de Garcia oferecem um espaço para contemplação e introspecção, um convite para ponderar sobre a impermanência de todas as coisas.

O trabalho de Garcia, portanto, coloca-se na interseção entre arte e arqueologia, entre performance e memorial. Ao invocar a estética da ruína, ela nos lembra que mesmo nos fragmentos mais despedaçados e nos sistemas mais desarticulados, há espaço para encontrar significado, para imaginar mundos que foram e os que ainda podem ser. Em um mundo onde o novo constantemente suplanta o velho, a pesquisa artística de Paula Garcia aponta a beleza e o pensamento que residem nas camadas do que foi deixado para trás.

Referências

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.



ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (org.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FLUSSER, Vilém. **Pós-história e um modo de usar**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

JACQUARD, Albert. **Elogio da diferença**. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.

JACQUARD, Albert; POSSENOT, J. M. **Todos semelhantes, todos diferentes**. São Paulo: Editora Augustus, 1993b.

JACQUES, Paola Bernstein (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MELLO, Christine. Corpo e vídeo em tempo real. In: FERREIRA, Glória (org.). **Crítica de arte no Brasil**: temáticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Funarte, 2006.

MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 30 abr. 2023.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

RANCIERE, Jacques. A partilha do sensível: Estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: 34 Editora, São Paulo, 2005.



ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, Ivani. **Corpo aberto**: Cunningham, dança e novas tecnologias. São Paulo: Educ, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZANINI, Walter. A atualidade de Fluxus. **ARS**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 10-21, 2004.

Notas

- Para assistir a documentação do projeto curatorial "No Intermission", disponível em: : <https://paulagarcia.net/curatorial/no-intermission/>
- Para assistir a documentação da performance #9 Corpo Ruído, disponível em: <https://paulagarcia.net/work/9-corpo-ruído-performance-realizada-no-southbank-center-em-londres/>